

Cinco dos candidatos não votaram em 1960

CARMEN KOZAK

Dos dez principais postulantes à sucessão do presidente José Sarney, apenas cinco votaram, na última eleição presidencial, a 3 de outubro de 1960. Mario Covas e Aureliano Chaves deram voto para o candidato eleito, Jânio Quadros. Ulysses Guimarães e Leonel Brizola, que já tinham uma atuação política expressiva, votaram e fizeram campanha para o marechal Henrique Lott.

Paulo Maluf, que não havia iniciado sua carreira política, votou em Adhemar de Barros, do PSP, que tinha como slogan de campanha e frase "Rouba, mas faz". Os "garotos" da época — Collor de Mello, Luiz Inácio Lula da Silva, Afif Domingos e Ronaldo Caiado — não tinham os olhos abertos para a política e, como a maioria dos eleitores brasileiros, votam hoje, pela primeira vez, para presidente. A exceção foi Roberto Freire que, a apenas três meses

de completar 18 anos, não pôde votar, mas as ligações com o PSB fizeram com que ele aderisse à campanha do marechal Lott.

Em 1964, quando ocorreu o golpe militar, apenas o candidato do PFL, Aureliano Chaves, que era secretário do Governo de Magalhães Pinto, em Minas Gerais, apoiou o regime autoritário. Mas é justamente no golpe militar de 1964 que surge uma das incongruências políticas de Ulysses Guimarães. Um dos maiores opositores do regime militar votaria a favor do general Castello Branco para o cargo de primeiro presidente indireto, no Colégio Eleitoral. O candidato Paulo Maluf era, tanto à época da eleição de 60 quanto do golpe militar, um recém-formado em Engenharia civil na Escola Politécnica e trabalhava nas empresas de seu pai. E só viria a compactuar com os governos militares em 1967, como presidente da Caixa Econômica de São Paulo.

Vinte e nove anos depois e dispu-

tando o cargo de Presidente da República, apenas o senador Mario Covas demonstra arrependimento pelo voto dado em 1960 a Jânio Quadros. Covas, que hoje se encontra no rol dos candidatos progressistas, tenta justificar esse apoio com o momento político da época e a inexperiência. O jovem que, em 1957, disputou e perdeu a prefeitura de Santos pelo antigo PST, com o apoio de Jânio, foi envolvido pelo discurso moralista do governador paulista que prometia "varrer" a corrupção do País. Reconhece hoje que o seu voto acabou colaborando para o golpe de 64, já que considera a renúncia de Jânio um dos fatos geradores dessa intervenção.

Foi o candidato do PDT, Leonel Brizola, um dos que mais participou da campanha eleitoral de 1960. Brizola, que, à época, tinha 38 anos e era governador do Rio Grande do Sul, liderou a campanha na região em favor do marechal Lott — que tinha um discurso nacionalista.

